

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

Karoline Coelho dos Santos – Universidade Tuiuti do Paraná
karoline.maschereri@gmail.com

Luiz Carlos Sereza – Universidade Tuiuti do Paraná
lcsereza@gmail.com

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

RESUMO

No presente artigo, pretende-se discutir a visão da Curitiba cruel e desumanizada de Dalton Trevisan, em contraste com a idéia de uma Curitiba em processo de modernização urbana, com base no conto Uma Vela para Dario, publicado pela primeira vez no ano de 1964, e republicado na coletânea Em busca da Curitiba Perdida na década de noventa (1992).

PALAVRAS-CHAVE

Curitiba; Dalton Trevisan; Modernidade.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

Vampiros, enterro, morte: enterre o cadáver onde a estrada se bifurca, de modo que quando ele se erguer do túmulo não saberá que caminho tomar. Crave uma estaca em seu coração: ele ficará pregado ao chão no ponto de bifurcação, ele assombrará aquele lugar que leva a muitos outros lugares, aquele ponto de indecisão. Decapite o cadáver, de forma que, acéfalo, ele não se reconheça como sujeito, mas apenas como puro corpo. (COHEN, 2000, 26)

INTRODUÇÃO

Nas novelas de horror é o corpo dos monstros desenvolve uma importante operação: *monstrar*, *expor*, *por-a-mostrar*. Dar a ver os trâmites daquilo que não se quer ver, lembrar ou sentir. Desta forma o monstro ocupa uma função ímpar nas sociedades contemporâneas, a um só tempo faz ver e sentir, uma vez que é por meio do corpo (do seu, mas também do *outro*) que as tramas onde aparece se desdobram. Uma maquinaria terrível de expiação e sensibilização que permite ao leitor, ao espectador ou o ouvinte elaborar o que não poderia sem esse artifício.

Na maioria das vezes contos de horror, terror, mistério ou mesmo contos do cotidiano foram e são formas de tornar visível o que antes era apenas sensível, de tornar sentimento o que era afecção. Por meio do/no corpo que *monstra* inscreve-se a dor do outro, e ao ressignifica, todo monstro é, por assim dizer, vítima de sua própria forma de testemunhar, de colocar em gesto o que antes era só palavra, moldando prática e sofrendo, e fazendo sofrer, constrói a *partilha do horror*¹. Neste sentido, não haveria melhor exemplo para por a teste tal conceito do que “Uma Vela Para Dário” de Dalton Trevisan. Autor que se fez vampiro, para testemunhar, para *monstrar*, uma cidade de Curitiba em toda sua obscuridade e crueza. Se tal conto não se enquadra no gênero de horror,

¹ Tomamos de empréstimo expressão de Jaques Rancière de “partilha do sensível” e lhe damos alvos precisos, se para o filósofo francês a partilha diz respeito as formas de distribuição e repartição das sensibilidades, aqui apontamos estas sensibilidades para um recorte direto, no sentido referente ao papel da distribuição e partilha das formas de horror, seja internos ao derivativos deste tropo. Desta forma, imaginamos que todo o suporte da partilha do horror é em certa medida traços dos modos de entendimento das subjetividades que constroem e dão a ver uma comunidade, principalmente ao dar enfoque ao que esta comunidade não quer ser/ver. (RANCIÈRE, 2005)

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

isso não o faz menos horrível e arrepiante.

Afinal, enquanto a Curitiba da década de 1960, em um contexto midiático e político, aponta para uma cidade planejada para “o futuro”, Dalton Trevisan parece se esgueirar nas sombras, observando o que acontece por cada ruela, das mazelas aos defeitos de uma cidade cinza, descrevendo lutas de uma classe desafortunada e desamparada, sem adocicar ou amaciar suas palavras.

Trevisan, famoso por seu estilo cru e realista, baseia seu trabalho no lado obscuro da cidade, das conversas de roda de amigos às notícias de jornal antigos, quase sempre rodeado por um tom de nostalgia, retratando situações pitorescas e assustadoras, mas extremamente comuns.

O autor, uma figura mítica de Curitiba, quase que um personagem por si próprio, ganhou projeção após suas publicações na Revista Joaquim, um periódico que circulou em Curitiba de 1946 a 1948, que Trevisan ajudou a fundar e que teve grande importância na propagação de ideias relacionadas ao movimento modernista paranaense e de oposição ao Paranismo².

Premiado por quatro vezes com o Prêmio Jabuti, maior premiação da literatura brasileira, e uma vez com o Prêmio Camões, maior prêmio literário da Língua Portuguesa, o autor figura entre os cem maiores contistas do Brasil, e possui uma escrita única, normalmente abordando uma Curitiba composta por submundos e personagens à margem da sociedade.

Em “Uma Vela Para Dário”, o autor nos conta a história de um senhor chamado Dário, que sofre um ataque do coração no meio da rua, e que em um primeiro momento, é socorrido. Mas ao passar do tempo, as pessoas que o socorreram passam, pouco a pouco, a lhe furtar os pertences, ao final de que o corpo já sem vida de Dario termina em uma ruela à espera do carro funerário, trajando menos da metade de sua roupa, sem nada.

Em um momento inicial, pretende-se discutir a ideia da cidade – A Curitiba de Trevisan,

² Paranismo é um movimento de construção identitária do Paraná que teve início após a emancipação política do estado, em 1853, e que se popularizou no final da década de 1920.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

propriamente dita – por meio da obra de Trevisan, sua importância e suas características básicas, evidentes em todos os seus trabalhos, mas em especial, no conto aqui analisado. Em um segundo momento, busca-se entender a relação dos habitantes e personagens com o espaço urbano assim como sua identidade em um momento de transição – no caso, a década de 1960, com as ideias de modernização ganhando força e voz por parte do governo municipal e estadual.

CURITIBA REVISITADA

Trevisan publicou o conto “Uma Vela para Dario” originalmente no livro ‘Cemitério dos Elefantes’, no ano de 1964, no rio de Janeiro, pela Editora Record, que foi republicado pela mesma editora, na coletânea ‘Em busca da Curitiba Perdida’ no ano de 1992.

O autor, conhecido por, entre outras peculiaridades, sua obsessão revisionista, que o leva a modificar partes cruciais ou nem tanto de seus textos antes de republicá-los, de forma a ressignificar sua escrita e acentuar certos aspectos ou certa linha temporal, não parece ter modificado de forma significativa a versão republicada em 1992 do conto em questão, mesmo que aqui se analise a versão original datada dos anos 60.

A década de 1960, em Curitiba, foi marcada pelo progresso nas políticas de planejamento urbano. Cerca de 20 anos antes, Alfred Agache³ fora contratado pela prefeitura de Curitiba para elaborar um plano urbano de desenvolvimento, o que resultou em realizações urbanas presentes até o dia de hoje.

Mas apenas em 1966, o primeiro Plano Diretor de Curitiba entrou em vigor – alguns passos largos em direção da ‘Cidade Ecológica’, que se realizaria apenas décadas depois. Nessa década, houve também a criação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, criado como

³ Alfred Hubert Donat Agache (1875 — Paris,1959) foi um arquiteto francês, melhor conhecido por ter planejado a urbanização de cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre e Curitiba nas décadas de 1940 e 1950.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

órgão coordenador e executor do Plano Diretor.

Maria Ignês Mancini De Boni argumenta:

A implantação do Plano Diretor, marcou um novo momento na história urbanística de Curitiba substituindo o crescimento “natural”, ocorrido até meados da década de 1960. A viabilização de um novo modelo de crescimento abandonava a formação concêntrica adquirida naturalmente e propunha a construção de vias estruturais, prioritárias e conectoras, com a concentração de oferta adequada de transporte coletivo, além da revisão da legislação concernente ao zoneamento e uso do solo, privilegiando-se o transporte coletivo. (DE BONI, 2011,7)

A década de 1960 também viveu momentos pós consolidação do movimento paranista – que buscava a construção de uma identidade Paranaense, baseada no ideário de que Curitiba seria uma capital de origens praticamente europeias, com participação quase nula de escravizados africanos e indígenas. O movimento contou com participação de intelectuais, artistas e literatos que divulgaram um conjunto do que diziam ser Histórias das tradições da terra paranaense. Estas ideias foram amplamente divulgadas, e impulsionadas, por muitos autores, como, por exemplo, Wilson Martins em seu livro ‘Um Brasil diferente’.

A CURITIBA DE TREVISAN

O trabalho de Trevisan explora a rotina e a vivência de minorias excluídas, que por razões monetárias ou étnicas, não se encaixam na concepção de identidade idealizada pelas elites, já que se encontram à margem da sociedade – uma metáfora recorrente na obra do autor, caracterizada pela recorrente comparação dessa ‘existência apagada’ dos habitantes do subúrbio da cidade às margens do Rio Belém, como visto em seus livros: *Cemitério de elefantes* (1964) “À margem esquerda do rio Belém, nos fundos do mercado de peixes, ergue-se o velho ingazeiro — ali os bêbados são felizes.”; Em *Um conto de Crimes de paixão* (1978): “Dá uivos, ó porta, grita, ó rio Belém”; E também em “*Lamentações de Curitiba*” (1968): “No rio Belém serão tantos afogados que a cabeça de um encos-

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

tará nos pés de outro, e onde haverá cachaça para mil e um velórios?”.

Na primeira vez que foi publicado, o conto em questão fazia parte de “*Cemitério dos Elefantes*”, e destoava dos outros contos do livro (com exceção, talvez, do conto título) por se passar em um meio inteiramente urbano e público – no caso, em uma rua – e não no interior de uma casa, ou localidade fechada, algo corriqueiro nos contos do autor.

Boa parte dos contos deste livro de Trevisan se passam, além de em espaços privados, em espaços rurais, com desfechos extremamente pessimistas e negativos, mas sem nunca se afastar da sombra da Capital paranaense.

O *lugar* em que acontecem as histórias é de extrema importância para o autor, sendo que praticamente todo o material que Dalton Trevisan escreveu e ainda escreve, se passa em uma Curitiba, não necessariamente a Curitiba que se tem hoje ou a que se tinha a 50 anos atrás, época da publicação original, mas sim uma Curitiba própria, mais cruel, mais desumanizada, e praticamente composta por um eterno *looping* de desgraça e miséria, mas que ainda sim, vai contra a visão disseminada da Curitiba Modelo.

Eneida A. Mader discute essa relação com o meio em seu artigo, tal como ressalta a origem marginalizada dos protagonistas:

Os personagens focalizados são velhos, doentes, apartados, ausentes do resto do mundo. [...] A metrópole paranaense serve como pano de fundo para a narrativa, mas percebe-se que essa cidade ficcional de Trevisan é Atípica, pois o olhar narrativo denota que nesse espaço urbano só existe o submundo que abriga os personagens socialmente esquecidos. (MADER, 2015, 57)

Essa relação é especialmente interessante se contraposta com as ideias de modernidade expressas por Trevisan na Joaquim, algumas décadas antes. A revista, que vem de uma corrente que ambiciona colocar em evidência as pequenas províncias, criando novas frentes de debate por todo o país, foi escrita de maneira a diversificar e explorar novas ideias e novos pontos de vista.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

Miguel Sanches Neto argumenta em relação a proposta da revista:

A sua mensagem, além do conteúdo de cada texto, reside na própria intenção que presidiu a montagem. Isto é, o manifesto significa na sua própria apresentação formal. O fragmento de Verleine dá a chave desta leitura ao revelar a sua teoria poética: “Tudo é belo e bom quando é belo e bom, venha de onde vier e tenha sido obtido pelo processo que for. Clássicos, românticos, decadentes, símbolos [...]” (Joaquim, n2 1). Esta exposição de princípios do poeta simbolista pode ser estendida aos jovens que tomaram para si a tarefa de fazer uma revista de literatura que extrapolasse as fronteiras, sejam elas geográficas ou de filosofias de composição rígidas. Eles estão abertos para a diversidade, para o entrelaçamento dos contrários. (SANCHES NETO, 1998, 73)

Outro personagem importante para que se entenda a Curitiba trevisaniana é Jaime Lerner⁴, urbanista renomado, que ajudou na propagação da Curitiba progressista. o arquiteto governou a cidade por três vezes, nas quais investiu fortemente em obras públicas, principalmente na criação de parques e, mais tarde, no transporte público.

Trevisan mostrou-se contrário a suas políticas públicas, seja por meio de pequenas ironias inseridas (vide uma das primeiras versões de *Em busca de Curitiba Perdida* onde Dalton critica ‘a Curitiba pra inglês ver’) em um contexto maior ou abertamente, como em seu poema, Curitiba Revisitada, o autor escreve:

Que fim, ó Cara, você deu a minha cidade?
a outra sem casas demais,
sem carros demais,
sem gente demais. (TREVISAN, 1992,119)

A Curitiba de Trevisan e a Curitiba de Lerner são contrárias, mas complementares entre si. Enquanto Lerner, assim como outros membros do governo, com o apoio da mídia, propagava uma

⁴ Jaime Lerner (Curitiba, 17 de dezembro de 1937) é um político, arquiteto e urbanista brasileiro. Foi prefeito de Curitiba por três vezes (1971–75, 1979–84 e 1989–93) e governador do Paraná por duas vezes (1995–1999 e 1999–2003).

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

cidade do futuro feita para a população, a cidade de Trevisan é como uma observadora impiedosa, sombria e agressiva, habitada por vampiros e oportunistas com tendências animais, envolta por doses cavalares de memória e nostalgia.

Porém, a ideia de uma Curitiba que começou a se modernizar, num inchaço urbano que começou a ganhar força, ao mesmo tempo que bate de frente com a Curitiba de Trevisan, acaba por completá-la. Em algumas décadas, Curitiba deixou de ser a cidade provinciana, presente nos contos de Dalton, e passou a apontar para uma Metrópole, o que causou mudanças não somente visuais, mas sociais e identitárias, porém, ainda mantendo suas partes sombrias, mesmo que as sombras e os fantasmas se modifiquem com o tempo.

A criação desse mito da Curitiba moderna, desde a década de 60, trouxe consigo um sentimento de pertencimento à população local, um certo ufanismo⁵, que fica muito claro no conto ‘Uma Vela para Dario’.

DARIO CONTRA A CIDADE

A questão de Identidade é extremamente discutida no trabalho de Stuart Hall, em especial, em *Identidade cultural na pós modernidade*, onde o autor discute o impacto do surgimento de uma nova forma de individualismo, e a partir disso, do surgimento da concepção do sujeito individual, tal como sua identidade, que até então, era previamente (e divinamente) estabelecida. O autor comenta o nascimento do ‘Indivíduo Soberano’, entre o Humanismo Renascentista (XVI) e o Iluminismo (XVIII) e o classifica como fundamental para as mudanças que o seguiram.

Hall comenta a necessidade, a partir da modificação do Indivíduo, de ressignificar e repensar as sociedades, e a coletividade em si, assim como o surgimento de uma concepção mais social

⁵ Ufanismo aqui se coloca como um orgulho exacerbado de pertencer a certo local ou certa cidade, neste caso, a cidade de Curitiba.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

do sujeito, influenciado por alguns conceitos, como a biologia darwiniana e o surgimento das novas ciências sociais.

O autor discute também as consequências o surgimento do modernismo, como essa aparente ‘crise de identidade’, assim como a ideia de que surge também o indivíduo alienado, contraposto com seu pano de fundo, e dá vários exemplos, que vão do *Flaneur* de Baudelaire ao K de Kafka⁶. O sujeito passa a ser visto como um ser que se define por meio das novas estruturas da sociedade, que estabelece uma identidade pelas relações que constrói com o meio.

Dario, um forasteiro, não é um conhecido do bairro, logo, não existe nenhuma relação entre os habitantes e a personagem. E dado este fato, não é visto como pertencente a realidade em que está inserido. É apenas um anônimo, e caso não tivesse sofrido o mal súbito que acaba por desencadear toda a trama da estória, sua presença provavelmente não seria notada - Seria apenas mais um na multidão.

Em um primeiro momento, o autor não dá nenhuma descrição física de Dario. Há a menção de que este está com pressa, com um guarda chuva no braço esquerdo, mas logo em seguida, o autor acaba por contrapor o personagem, e relata que Dario para, e encosta na parede, subitamente passando mal.

Os moradores da rua percebem que algo está errado, mas de primeira atitude, não fazem nada. Novamente, não há um sentimento de pertencimento entre os moradores e o estranho, logo, não existe uma ação inicial. O forasteiro não faz parte da comunidade.

Depois de alguns minutos, surge alguém, descrito apenas como o rapaz de bigode, parece querer ajudar, abre alguns botões das roupas de Dario, para que ele possa respirar – e o narrador

⁶ O autor se refere a dois personagens quase que anônimos: O Flaneur (o mendigo) e K (o turista) que acabam por se mesclar a sociedade, de maneira que a individualidade de ambos se perde no conjunto social, exemplificando a experiência do modernismo através de contrapartes literárias. Hall entende que que tal experiência promove a ‘internalização do exterior do sujeito assim como a externalização do interior’ através da ação no mundo social.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

logo notifica o fato de que o Guarda-chuva, assim como o cachimbo de Dario, até então depositados ao lado do homem, somem.

O que se segue é uma sequência de meias-ajudas por parte da população, que acabam por não surtir efeito nenhum:

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado á parede - não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata. Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las. (TREVISAN, 1964, 22)

Há um notável desapego com o Outro, representado por Dario, que se torna progressivamente notável no desenvolvimento do conto, evidenciando o não pertencimento de Dário em dado grupo social. E, com uma progressividade assustadoramente naturalizada, o forasteiro perde cada vez mais sua identidade:

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso. [...] Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nasçença. **O endereço na carteira era de outra cidade.** (TREVISAN, 1964, 22)

Outro fator interessante de análise, é a relação dos habitantes locais com a polícia. A individualidade, ao mesmo tempo que se mescla ao social, permite também uma generalização por parte da figura de autoridade presente. Todos os moradores da localidade entendem como necessário fugir da chegada da polícia, assim como os policiais no camburão julgam viável ir de encontro à multidão munidos de um veículo, em pensar no que poderia vir a resultar de suas ações.

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. **Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.** O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios. (TREVISAN, 1964, 22)

Dario passa a se tornar apenas mais um objeto componente do ambiente, perdendo todas suas características próprias. Todas as pessoas que parecem querer ajudá-lo terminam, sejam por questões financeiras (“quem pagaria a corrida?”) ou simplesmente por não identificação, contribuindo para sua perda de humanidade. Dario acaba por perder tudo o que constitui sua identidade, seja no plano material, a medida que seus pertences são furtados, e no plano social, de maneira que termina o conto morto, caído em uma calçada, sozinho, à espera do rabeção - quase que parte da paisagem.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. [...] Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva. (TREVISAN, 1964, 23)

CONCLUSÃO

A Curitiba de Dalton Trevisan não é um reflexo imediato da Curitiba da década de 60. O escritor demonstra um tom de nostalgia, e um certo desprezo a aspectos característicos da época, criando uma Curitiba que existe entre um passado provinciano não tão distante e uma realidade urbana atual, que ainda sim, se apresenta entre suas linhas, mesmo que cruel e (des)umanizada.

O autor/*vampiro* de Curitiba cria, a partir de si mesmo, um personagem, que se mistura com os personagens de seus livros, mas de nada diminui sua importância para o movimento modernista no paraná e para a literatura de língua portuguesa.

Trevisan busca, através de suas obras, *monstrar* o cotidiano dos lados sombrios da cidade,

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

tal como seus conflitos de identidade e suas mazelas, utilizando-se de uma maneira curta e direta de escrita, em contraponto com algumas das ideias modernistas que propagou cerca de duas décadas antes, quando ainda principal responsável pela Revista Joaquim.

Por fim, se a epígrafe que abre este texto serve para delinear as alegorias do autor/vampiro, Trevisan tem uma estaca cravada em seu coração que o faz assombrar a cidade de Curitiba, mas este “monstro” não perdeu sua cabeça, ao contrário sua subjetividade é afiada e aponta aos fantasmas sociais que sempre escolheu os caminhos mais fáceis quanto chegou a bifurcação.

REFERÊNCIAS

- COHEN, Jeffrey Jerome. *Pedagogia dos monstros* – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- COMITTI, Leopoldo. *O Anjo Mutante: Dalton Trevisan e A Cidade de Curitiba*. Literatura e Sociedade (USP), São Paulo, v. 1, p. 81–87, 1996.
- DE BONI, Maria I M. *imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: 34, 2005.
- HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno In: *A identidade cultural na pós modernidade*. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A;2005. 23–46
- MADER, Eneida. Espaços e formas de presença do outro na ficção de Dalton Trevisan. *Rev. Litterata*. Ilhéus, vol. 5/1. 55–67 Jan./jul. 2015
- SANCHES NETO, Miguel. *A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estreia de Dalton Trevisan*. 1998. 448f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.uni>

O VAMPIRO QUE ASSISTE DAS SOMBRAS: a Curitiba de Dalton Trevisan da década de 1960

camp.br/handle/REPOSIP/269918>. Acesso em: 29 de Agosto de 2018.

SITE DA PREFEITURA DE CURITIBA. *Primeiro plano diretor de Curitiba é da década de 1960*. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/primeiro-plano-diretor-de-curitiba-e-da-decada-de-1960/32276>>. Acesso em: 04 de Junho de 2018

TREVISAN, Dalton. Curitiba Revisitada. In: *Em busca da Curitiba Perdida*. Rio de Janeiro. Editora Record. 2011.

TREVISAN, Dalton. Uma Vela para Dario. In: *Cemitério dos Elefantes*. Rio de Janeiro, Editora Record. 1964.

VIEIRA, Nelson H. *Espaço vivido e espaço mental: Dalton Trevisan e a dicotomia social do urbanismo Curitibano*. Revista Lit. Contemp., Brasília, n. 42, p. 151–167, Jul/Dez 2013.